



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Layza Alves Bandeira: Acadêmico do curso de Ciências sociais da Universidade Federal do Amapá
Lorran Lima de Almeida: Acadêmico do curso de Ciências sociais da Universidade Federal do Amapá
Ricardo Texeira da Silva : Acadêmico do curso de Ciências sociais da Universidade Federal do Amapá
Orientador: Joseph Handerson: Doutor em antropologia pelo museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto da Universidade Federal do Amapá

(IN)SEGURANÇA SOCIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUSPEIÇÃO CRIMINAL NO CONTEXTO AMAZÔNICO/MACAPÁ.

● INTRODUÇÃO

A insegurança e o medo são sentimentos que vem se difundindo na vida social, provocando o fenômeno da suspeição criminal. Com o desenvolvimento econômico e populacional das cidades cria-se um contexto de obsessão por segurança, desenvolvendo assim a dinâmica da segregação e da vigilância, que podem ser explicadas por meio do medo que as pessoas sentem umas das outras, medo este que se estabelece, segundo Bauman (2009), pela transformação da sociedade sólida para a sociedade líquida, modificação que é difundida pela globalização e que Foucault (2003) atribuiu à inauguração da sociedade do tipo disciplinar, na qual as pessoas deixam de ser julgadas por aquilo que elas fizeram para serem julgadas por aquilo que elas podem fazer.

● OBJETO E OBJETIVOS

Objetivamos através da pesquisa feita analisar como se constrói o sentimento de insegurança social e a construção do estereótipo do indivíduo suspeito.

● METODOLOGIA

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturada, onde foram realizadas seis entrevistas, sendo aplicadas no bairro Universidade, na cidade de Macapá- AP, no mês de novembro do ano de 2014.

● RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa revela que dentro desse universo de insegurança dá-se origem à figura do indivíduo suspeito ou potencialmente criminoso. Sendo que segundo Dyane Brito Reis (2002), a suspeição é constituída de três aspectos: o local suspeito, a situação suspeita e as características suspeitas. Diante da pesquisa podemos referenciar os locais suspeitos como possíveis pontos de fuga para criminosos, o que se vê em mais de um relato: “o único problema da área de ressaca é por causa do seguinte, que o assaltante assalta e corre pra área de ressaca e lá ele pula no lago, ele faz tudo (...)” (Francisca). Outro morador afirma que “tem muito bandido nessas pontes, a maioria que faz o roubo, o assalto, essas coisas por aqui, mora tudo na ponte, se esconde tudo aí, principalmente, nessa ponte daqui de perto.” (Marcus).

Desta forma, a suspeição incide então, mais fortemente, sobre certos grupos pelo o que Misse (2010) denominou de seleção atributiva. Ou de acordo com Goffman (1975) a suspeição pode incidir quando alguém demonstra pertencer a uma categoria com atributos incomuns ou diferente e pouco aceito pelo grupo social. Analisando as características que faziam de um indivíduo um suspeito, obtivemos a seguinte resposta: “eu fico com medo, eu chego de noite por exemplo, então tem uma pessoa assim, é... digamos é... toda tatuada, é... cabelo pintado lá de loiro (...)” (Francisca). Essa observação por parte dos moradores é caracterizada no que Reis (2002) denominou como “olho clínico”, utilizando esse termo para dar referencia a intuição adquirida a partir das experiências sociais.

● CONCLUSÃO

O fenômeno da suspeição é antes de tudo criado socialmente, deste modo, a pesquisa mostra que o sentimento de insegurança acabou por criar uma série de percepções negativas direcionadas às classes menos favorecidas da sociedade. Podemos afirmar que tanto o “cidadão de bem” como o Estado agem como legitimadores do estigma construído pelo senso comum. Assim, sendo construído assim uma barreira que serve, antes de tudo, para segregar e intensificar a marginalização de determinados grupos sociais, declarando, nos termos de Wacquant (2003), uma verdadeira guerra contra os pobres, intensificada através dos mecanismos tecnológicos, desenvolvidos com o objetivo de afastar os indesejáveis dos locais “públicos”.

● REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 7-73.
FOUCAULT, Michel. Conferência IV. In.: _____. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU editora, 2003. p. 79-102.
REIS, Dyane Brito. A marca de Caim: As características que identificam o “suspeito”, segundo relatos de policiais militares. Caderno CRH. Salvador, nº 36, p. 181-196, jan./jun. 2002.
MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: Aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. Lua Nova. São Paulo, nº 79, p. 15-38, 2010.
GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. São Paulo. ed. Guanabara, 2004.
WACQUANT, Loïc. Punir os Pobres: A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. 2ª ed. Col. Pensamento Criminológico. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.